REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

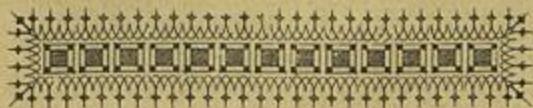
21.º Anno — XXI Volume — N.º 717

30 DE NOVEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe. e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Augmentado, melhorado, enfeitado, pintadinho de fresco exactamente como um general velho, abre no dia 7 o theatro da Rua dos Condes.

Noite de festa, noite de enthusiasmo, noite de delirio, noite inolvidavel, como punha o Salvador Marques nos cartazes, em tempos longiquos da barraca velha.

Não ha theatro com mais tradições, e qualquer bom espiritista, se uma noite, depois da uma hora, apagadas as luzes, se lembrasse de fazer girar uma mesa e de consultar-lhe os pés — Pan! Pan! — poderia falar com os mais illustres actores portuguezes, com um regimento de auctores notaveis, cujas sombras, parece, devem ainda passear por entre os bastidores, acoitar-se nos recantos do palco.

Ali riram tanto, que até se torciam, os nossos trisavós, ali se apaixonaram pelos requebros das dançarinas e derramaram lagrimas de sentimento com as arias dos gordos sopranos imberbes. Ali tiveram noites de gloria os auctores dos dramalhões e os magrissimos poetas papa-jantares. N'aquelle palco representaram mais tarde esses extraordinaveis artistas cuja fama chegou até nós, muitos dos quaes ainda vimos e admirámos, Emilia das Neves, Tasso, José Carlos dos Santos.

Quantas historias se contam d'aquelle theatro, quantas andam escriptas em livros velhos, cheios de poeira, roidos pela traça, no canto immundo da loja d'algum ferro-velho!

Com o velho templo da arte, como era de costume chamar-se-lhe, apenas um outro theatro se media em tradições. Era o antigo Salitre para onde costumava ir commandar troças o trocista, e ainda mais que trocista... troçado, José Agostinho de Macedo.

Mas o theatro do Salitre, com o circo que lhe ficava ao lado, e até o circo Price que lhe ficava defronte, foi totalmente arrasado, e n'esse espaço corre hoje, larga e orgulhosa, a Avenida da Liberdade.

Entretanto um theatro, ali bem perto, foi construido, o theatro da Avenida.

E, caso notavel, annuncia exactamente agora, como peça de resistencia, uma das que foram de maior exito no velho Salitre, já em tempos historicos — *A Pera de Satanaz*.

Diz-se que tambem o theatro da Rua dos Condes organisará o primeiro espectaculo, todo com velhas peças portuguezas, que n'aquelle palco, ha muitos annos, obtiveram grandes triumphos.

São dois espectaculos para se matarem saudades. Noites de folia, etc, sempre como era de uso nos velhos cartazes.

Eduardo Schwalbach dá a ultima demão á nova edição das *Formigas e formigueiros*, que já se acha em ensaios. Na Avenida a magica de Eduardo Garrido ensaia-se a toda a pressa.

A Pera de Satanaz! Poucas peças assim como ella conservaram fama. Foi uma loucura em Lisboa. O *Rei Caramba XXVII*, salvo erro de numero, era o Pereira, o *Escudeiro* era o Antonio Pedro, a Castanheta era a Fialho. E não se falava em Lisboa n'outra coisa senão n'elles, ha mais de trinta annos, e no *Rei Zabumba* e no *Principe Cochicho* do *Reino da Musica*.

Desejamos ás emprezas da Rua dos Condes e da Avenida a felicidade de que muitas outras teem gosado este inverno. É vulgar dizer-se que o máo tempo prejudica os espectaculos, mas a verdade é que este inverno só tem prejudicado os espectadores.

Com uma coragem digna de heroes, com os pés na lama e os chapéos de chuva virados, debaixo de cordas d'agua e, com as cabeças cortando o vento como nãos valentes as ondas encrespadas, elles lá teem ido a tudo, ao theatro de D. Maria ver a *Questão de Dinheiro*, peça de Alexandre Dumas com que os societarios inauguraram os seus trabalhos com applauso publico, á Trindade admirar a Palmyra em variadissimos papeis, ao Gymnasio rir com *As Alegrias do lar* com que Barbara fez um esplendido beneficio, ao Principe Real enthusiasmar se com *A Galderia*, peça que deu em cheio, ao Real Colysêo applaudir *Os Mostenses*, ao outro patear o homem das forças, ao theatro D. Amelia enthusiasmar-se todas as noites sem descanço com os trabalhos de Rosas, Brazão, Rosa Damasceno e de todo o excellente grupo de artistas que os acompanha.

Pois o tempo tem estado para nem se deitar o nariz de fóra. Chuva e frio. Vento do noroeste. Cada bátega d'agua que até parece que os vidros se partem, cada rabanada de vento que parece que os telhados vôam!

ZACHARIAS D'AÇA — *Gravura do sr. Diogo Netto*

(Copia de uma photographia do sr. J. M. da Silva)

Estamos em pleno inverno. Foi-se o verão de S. Martinho, voltou a Lisboa a sociedade elegante das praias, já todas a esta hora desertas.

Por isso os theatros se animaram e as ruas, se não fôra a chuva, já teriam o costumado aspecto d'estes fins de novembro.

Um caso triste, duplamente pungitivo, têm afastado de festas e espectaculos grande numero de familias da alta aristocracia portugueza.

Ainda a nobre familia Almeida e Vasconcellos estava de nojo pela morte dos seus representantes, quando a noticia triste se espalhou do fallecimento de uma senhora por muitos titulos respeitavel e pertencendo tambem ás altas damas da sociedade portugueza. A sr.ª Marqueza da Foz, D. Maria Christina da Silva Cabral, era filha do 2.º Conde de Cabral e casára em 1878 com o Conde da Foz, Tristão de Queiroz Guedes. Dotada de finissimo gosto, intelligente e bondosa, o seu nome figurava não só em todas as chronicas da sociedade elegante, mas tambem em todas as commissões de caridade.

A morte do Conde da Lapa e a de seu filho Manuel, ambas no mesmo dia e quasi á mesma hora, enluctaram todos os que possuem velhos nomes historicos.

Tanto um como o outro eram muito conhecidos e por todos estimados. O velho Conde, ainda ha poucos mezes admiravelmente conservado, era um caracter cheio de bondade e todos os novos o adoravam pela sua alegria. Seu filho Manuel herdára as mesmas qualidades que tanto distinguiam o pae. Um e outro gosavam das sympathias de todos os parentes e contavam innumeraveis amigos.

Lugubre coincidencia! Com tanta differença de edade, elles, sempre companheiros na vida, quem diria que haviam de ser companheiros na morte?

E, se a morte de um só d'elles havia de ser sentida, como não o havia de ser a triste coincidencia!

E porque será que as coincidencias tristes são tanto mais vulgares do que as alegres? Talvez por um motivo: porque as alegrias são mais raras do que as tristezas.

Seja como fôr coincidencias são sempre notaveis e quanta vez na litteratura se julga plagio o que não foi mais do que um simples encontro com uma mesma idéa!

E' assim que, se por felicidade toda a historia de Dreyfus fôra um simples romance, todos o diriam inspirado nos *Dois Irmãos*, publicados por Louis Létrug em 1893.

N'esse romance ha um official de estado maior chamado Filippe Dourmelles a quem inimigos d'elle pretendem perder com uma accusação de alta traição. Em muitas outras scenas o auctor parece ter adivinhado o que mais tarde se havia de passar. Até a fórma por que os jornaes, segundo o romancista, dão noticia da descoberta do crime, se assimelha extraordinariamente á maneira por que, depois, os jornalistas de Paris contaram aos leitores o caso de Dreyfus.

Filippe Dourmelles no romance era innocente, que alegria não seria a dos dreyfusistas se se dera mais essa nova coincidencia!

Entretanto, embora se lhe vão fazendo algumas concessões que lhe minoram por certo o martyrio cruel, Dreyfus continua na Ilha do Diabo. Mas agora, já quasi por unanimidade, a opinião publica, sobretudo nos paizes estrangeiros, manifesta-se a favor do accusado.

Os corações confrangem-se, quando se pensa que talvez um homem honrado está soffrendo, peior que todas as dores physicas, uma accusação infamante, longe da mulher e dos filhas que adorava, para que o verdadeiro criminoso passeie, goze do oiro ganho pela traição. Quando chegará a hora da justiça, quando ha de esta deixar de ter a venda nos olhos?

E é a questão Dreyfus a que mais por, emquanto, apaixona os animos em toda a Europa. E não admira. Deixou de ser uma questão de politica, passou a ser uma questão de humanidade.

Os politicos esses discutem sobretudo os fins da viagem do Imperador da Allemanha á Palestina.

Todas as revistas estrangeiras se occupam do assumpto.

O Imperador orou em todos os logares santos, juntamente com a imperatriz ajoelhou no Monte Olivete, beijou a terra que Christo havia pisado. Mas não foi sómente a idéa religiosa que tão longe o levou. E' certo que a Allemanha tem hoje na Palestina um dos seus mais importantes mercados.

E tudo o que se pode agora referir á politica externa importa a Portugal... por tabella.

Cada vez precisamos de maiores cautellas e de mais aquecer o nosso patriotismo

A nossa independencia periga desde que qualquer conflicto agudo se estabeleça entre as poderosas nações, que hoje quasi governam o mundo.

Pobres e desgraçados seremos, mas a independencia queremol-a ainda assim.

Tambem, ha annos, um velho coxo e cego fugiu do asylo onde o tinham recolhido. Sem olhos e com más pernas rebolou por uma ribanceira abaixo. E na queda ia gritando: — O que eu quero é a minha independencia!

E tinha razão o velho.

João da Camara.

ZACHARIAS D'AÇA

Este nome está de tal modo ligado aos ultimos trinta annos da minha vida que, para falar d'elle, como desejava, teria de escrever mais um largo capitulo das minhas *Memorias*. Em tão longo espaço de tempo não houve para mim dia luminoso, ou de vendavel despregado, em que o não tivesse comigo — festejando-me nas alegrias — dando-me um aperto de mão enternecido em horas amargas.

Principiei a conhecel-o em casa de Antonio Feliciano de Castilho, por 1865. O grande poeta, o primeiro mestre da lingua portugueza n'este seculo, morava então á rua de S. Francisco de Paula.

A flôr da sociedade de Lisboa frequentava essa casa, onde o talento procedia de antigo e illustre morgadio. Tudo ali era lhano e franco: o lar, a meza, o caracter dos hospedes.

Os filhos eram quatro — dois ainda estudantes. O mais velho — Julio — actual visconde, já, ao tempo, se estreiara na imprensa, onde havia de tornar-se o eminente escriptor que hoje é. Em prosa, basta-lhe a obra monumental *Lisboa Antiga* — em verso, as — *Manuelinas* — livro que se não excede na fórma,que é de um perfume antigo encantador! O irmão segundo—Augusto, afilhado de A. Herculano, tinha a tendencia litteraria de todos os seus; completara, com vantagem, o curso de marinha, e começava a brilhante carreira, que tornou um dos brazões da nossa gloriosa armada este generoso e intrepido marinheiro. Os dois mais novos — que pertenciam á mesma esphera intellectual — Manuel, morreu muito moço, e Eugenio ha mais de vinte annos que está enfermo.

Tinham tambem uma irmã, um d'esses entes que Deus desabrocha, como as violetas dos valles, num sopro de ternura e de graça! Possuia tudo: ar distincto, raro talento, e o supremo poder da sympathia no relampago dos olhos arrebatadores! Ida, se chamava... Ai de mim! que foi para a cova no iris da mocidade!

*
* *

No seio d'esta privilegiada familia, Zacharias d'Aça vivia como irmão, e irmão era na cortezania do trato, na honradez do caracter e no vigor do talento.

Seu pae, Francisco Zacharias Ferreira de Araujo d'Aça — o major Aça — denunciava, a metros de distancia, o gentil-homem. Trajava á ingleza, com esmerada correcção. Emigrara para Inglaterra em 1828. Fôra dos primeiros, como liberal desenganado, arriscando a vida e arruinando o patrimonio. Não pediu um real de indemnisação, nesta terra onde as *indemnisações* foram o que nós todos sabemos! Adorava o filho; dera-lhe dos melhores mestres, porém o pae — homem de fina intelligencia e notavel illustração—foi o seu principal preceptor. Velho amigo do poeta do *Amor e Melancolia*, o major Aça habitava em casa sua, á travessa da Amoreira, convisinho de Castilho.

N'este meio abriram os primeiros dias da mocidade para o meu Zacharias d'Aça. Não o podia ter mais propicio, e mais em harmonia com a sua indole de artista de temperamento. E a arte tem sido o seu enleio constante, a paixão dominadora. Singularmente robusto e sobrio. Tão sadio que, em trinta e tantos annos, me não lembro de o ver um dia de cama. Quando todos nós, nas nossas caçadas, pelas manhãs rispidas de dezembro, acudiamos ao frasco de *cognac*, elle parava onde refervesse a fonte mais fria, e, armando o seu copo de caçador, levava de dois tragos uma tarraçada espumante.

A sua tentação, perdição direi, é a dos livros. Por preoccupado que esteja, não passa deante de mostrador de livraria, sem lhe relancear um olhar amoroso. Se podesse chegar ás obras d'arte, a sua casa seria um museu encantador: mas de uma independencia bravia, e com a cegueira das letras, podem-se calcular as vantajosas posições, que terá logrado!

Colligindo os artigos de varios generos, que ha muitos annos escreve para jornaes, teria hoje boa copia de volumes. Não é por preguiça — que elle trabalha sempre — mas pela penuria do mercado.

Vae agora publicar um livro. Intitula-se: *Caçadas Portuguezas*, e tem por sob titulo: *Paizagens. Figuras do Campo.* Livro precioso, e unico no seu genero, em Portugal.

*
* *

Zacharias d'Aça é hoje um prosador de primeira ordem. Tem singeleza e colorido; elegancia, propriedade e individualidade. A sua feição primaz é o gosto, nas mais pequenas coisas o manifesta. Aqui vam dois toques do livro, que está a sair. São a proposito do filhito mais novo do barqueiro Lourenço — que era o nosso arraes:

«O pequeno levantou-se, veiu pedir a benção ao pae, estirou os bracinhos como para sacudir os restos do somno, e, debruçanda-se na borda do bote, metteu as mãos na agua, que lhe subiu até aos cotovelos, com a força da corrente, e lavou a cara. Depois foi á prôa, e ajoelhando, voltado para o sol nascente, resou. Percebi o, quando elle se benzeu.

«Novo para mim, e inesperado, aquelle pequenino episodio, fiquei-me a scismar naquella saudação oriental — aquelle dialogo de duas auroras...»

Os seus olhos limpidos e penetrantes abraçam, num relance, a obra d'arte e os paineis da natureza. Tambem do livro *Caçadas Portuguezas*, vou trasladar um quadro de campo, que se nos deparou, e admirámos juntos, numa soberba manhã de inverno, em Benavente:

«Em frente de nós, para o fundo e para os lados, estendia-se um viveiro cerrado de pinheirinhos, em toda a efflorescencia e vigor da seiva juvenil. Delgados, flexuosos, elegantes, com toda a pujança e frescor da mocidade, mas peqnenos e rasteiros ainda, ficariam sepultados na grande massa do arvoredo que os rodeava, se não fosse a luz do sol, que, descobrindo-se por cima da copa do pinhal, de improviso os illuminou!

«A manhã ia ainda no seu crescer. Os raios solares obliquos, que primeiro lhes tocaram no alto as finas agulhas, iam descendo, revelando-os e colorindo-os. Verde e oiro a côr na caruma, vermelha e mais vigorosa nos troncos, mais clara nas rugosidades, carregada e baça nos planos interiores. Por cima e ao longe sobresaía-lhes a grande mancha acinzentada e indecisa do pinheiral, que seguia.

«A luz continuava baixando; alastrando-se sobre o massiço do plantio, e, crescendo com ella o movimento e o effeito das suas cambiantes, mantinha o contraste com a sombra.

«Como se a terra quizesse amparar, no seu crescimento, aquelles vegetaes adolescentes, envolviam-lhes os troncos os fetos e as estevas, enleiando-os, abraçando-os, cobrindo-os e defendendo-os com as finas vergonteas, com o seu recortado e elegante folhedo, tocado de tons roseos, verdes e nacarados!

«E o sol, subindo, continuava a variar e a fazer valer aos nossos olhos, as harmonias do colorido, os tons e meios tons d'aquelle agreste mas suavissimo quadro, que a natureza — a suprema artista — compozera, desenhara e esculpira, e que elle — o divino decorador — nos vinha alli revelar, tirando-o das trevas, dando-lhe a vida, illuminando-o com a sua palheta deslumbradora!

«No chão sombrio, as ervinhas sêcas, o matto rasteiro, rude frouxel dos campos, tosado pelos rebanhos, requeimados pelos estios, completava com a mescla da sua morte-côr, a moldura d'aquella paradisiaca paizagem, que tinha ao fundo, a massa escura do pinhal, e em cima, no alto, o puro e frio azul do céu!

«Corridas todas as escalas chromaticas, chegara ao seu termo a symphonia da luz!... Nenhumas sombras restavam—tudo illuminado!...»

A meu ver — no ver de toda a gente que tenha algum sentimento do bello, e que se não morda dos tavões da inveja — pela finura da observação, correcção e franqueza do traço, colorido e movimento, esta paizagem nadando em luz, meneando-se com as correntes limpidas da aragem

matutina, sob a recurva abobada de um céu sem macula, é um primor de mestre! E, como este quadro, a cada passo se encontram outros no livro das *Caçadas*.

A erudição e o talento de Zacharias d'Aça muita gente os conhece e aprecia; mas só os seus intimos sabem o que elle moralmente vale. É um homem de caracter. Nunca uma sombra de emulação lhe enturvou o animo. Até aos proprios que o teem aggravado jámais acurtou o merito. Desassombro assim é raro, principalmente no momento em que *todos* neste delirio de correr lanças, querem ser o *primeiro!* Tem vivido na intimidade de quanto ha de mais escolhido e elevado na nossa terra; nunca deitou mão de poderosos esteios — pois teve-os de primeira ordem — para se engrandecer!

«E' *Socio de merito* do *Gremio Artistico*, porque os artistas, reconhecendo-lhe o valor, e os serviços que elle lhes tem prestado, espontaneamente o nomearam.

Horas amargas tem tido muitas — coze-as comsigo, por cruas que sejam. Os seus dramas são *in petto*; não os põe em scena.

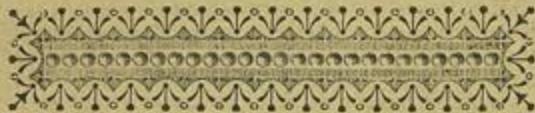
Em vendo um amigo ha sempre um sorriso na sua bôca; em defrontando com uma obra prima, d'arte sempre uma lagrima nos seus olhos!

Sabe dominar-se. O orgulho não descambando na soberba petulante, é um nobre sentimento humano. Sem a minima affectação, antes com a maxima simpleza, mantem a serenidade dos fortes.

Só uma vez não poude ter mão em si, coitado! Foi em oitubro de 1868, quando lhe morreu o pae. O coração estalava-lhe nos olhos. A dôr era um temporal! Abraçámo nos, nesse dia, para a vida e para a morte! Foi num momento tragico. Embora...

A dôr é a suprema ventura dos desgraçados que sabem amar!

Monte de Caparica, Torre, outubro, 22, 98.

Bulhão Pato.

AS NOSSAS GRAVURAS

NOS ARREDORES DE CONDEIXA VELHA

A villa de Condeixa Velha situada na provincia da Beira Baixa, mas actualmente encorporada na provincia do Douro, é das povoações mais antigas de Portugal e das que mais importancia teve na antiguidade, o que não impediu a sua decadencia e o estar hoje reduzida a uma villasinha que nem cabeça de concelho é.

A fortuna varia a isto a reduziu e quanto Condeixa perdeu em importancia, outras povoações tem ganho em riqueza e desenvolvimento industrial e commercial, mercê das vias acceleradas que as estão servindo.

Mas não iremos aqui tratar da historia de Condeixa, quando temos apenas que fallar dos seus arrebaldes, extremamente pittorescos e bellos para o artista, para o homem de sciencia.

O montanhoso e accidentado d'esses arrebaldes, offerecem tanto estudo aos geologos, como explendidos quadros de natureza agreste, imponente de grandeza ao artista, ao contemplar suas penedias de caprichosas fórmas, como se vê na gravura que publicamos, copia de uma bella photographia de Carlos Relvas, o primoroso amador photographico, já fallecido, que deixou tão gloriosas recordações das suas viagens pelo paiz, onde raros são os pontos mais pittorescos ou os monumentos d'arte mais notaveis que elle não reproduzisse atravez da objectiva da sua camara photographica.

Nos arredores de Condeixa, existem muitas ruinas de edificios grandiosos que o tempo derruio e que tambem são motivo de estudo para o historiador e para o archeologo, mas as bellezas naturaes d'aquelles logares mais encantam e attraem o artista porque é a natureza a arte por excellencia.

Aquelles rochedos sobre-postos, que fazem o assumpto da nossa gravura, apresentam contarnos phantasticos, bustos de grandes esphinges surgindo d'entre as plantas silvestres da montanha, cortados pelo escropo do grande artista, o Creador de todas as maravilhas da natureza.

TYPOS HESPANHOES — UMA MALAGUEZA

Malaga, a fertil cidade archi-episcopal do velho reino de Granada, na Hespanha, teve sempre tantas formosas habitantes como magnificas vinhas de fructo perfumado.

Para a maioria dos extrangeiros as mulheres hespanholas reduzem-se a uma unica — a andaluza —, e mais ainda a uma andaluza perfeitamente convencional, que tomam como o typo nacional por excellencia.

A nossa estampa mostra bem o erro d'essa synthese, porque nem mesmo a simples analogia que se julga existir entre as filhas das diversas provincias da Hespanha deixa de ser e muito apenas apparente.

Já n'outras occasiões, apresentando aos leitores varios typos da belleza feminil hespanhola, havemos accentuado que até entre aquellas que parecem ligadas por uma mais viva identidade de semelhanças se encontram differenças profundas, um verdadeiro antagonismo moral e physico.

Querem até alguns auctores, applicando ao sexo masculino estas mesmas observações, explicar com ellas a demora que os antigos reinos das Hespanhas tiveram em se integrar n'uma monarchia E, avançando mais, affirmam que são essas differenças de caracter que hão de tornar possivel e necessaria para o futuro uma descentralisação e o federalismo, como se encontra na Suissa, etc.

A explicação d'esta intima hectereogeneidade, disfarçada pela politica, acha-se todavia no exame das numerosas raças que descobriram a peninsula e estabelecendo-se n'ella formaram a actual nacionalidade.

Voltando-nos, pois, para o estudo dos typos da mulher hespanhola, démos hoje logar a uma das suas variantes tão caracteristica como apreciavel, a da risonha filha de Malaga.

OSCAR LEAL

Apparecendo ha poucos annos no nosso meio, elle logrou, graças ao seu genio alegre e á sua intelligencia brilhante, ser um dos homens mais conhecidos de Lisboa. Espirito irrequieto e nervoso, elle tão depressa se encontra na Madeira, como em Lisboa, em Paris em Madrid ou em Londres. Activo e d'uma vivacidade de intelligencia que chega a causar admiração, o tempo chega-lhe para escrever livros de viagens, livros de critica, romances e para acudir á pratica da sua profissão de especialista de doenças da bocca.

Nascido no Brazil, mas creado na Madeira, amante das coisas portuguezas, elle é um enthusiasta por tudo quanto diz respeito a este torrão bem amado, que elle defende com o calor e enthusiasmo do natural mais patriota.

Oscar Leal é doutorado e diplomado na America do Norte, no Brazil, na Escóla Medica de Lisboa, etc., etc., e é membro correspondente da Sociedade Hespanhola de Historia Natural, das sociedades de geographia de Madrid, Lisboa, Rio de Janeiro, New-York, etc., socio da Sociedade de Homens de Lettras do Porto, do Instituto Historico de S. Paulo, da Arcadia Americana do Pará e ainda de varios institutos e academias scientificas.

Como jornalista tem vasta collaboração em todos os principaes jornaes de Portugal e Brazil, e como escriptor tem publicado successivamente numerosos livros de viagens e alguns romances, entre elles o mais recente, a *Zélia* (Amores d'uma brazileira), editado em elegantissimo volume pela casa de Antonio Maria Pereira.

Eis a traços rapidos descripta a personalidade de Oscar Leal cujo retrato illustra hoje as paginas do OCCIDENTE.

PELA ALDEIA

ATRAIÇOADA!

(Aos Carlos Amaro e Achiles G. Beja)

(Concluido do numero anterior)

— Não, não, muito obrigado. Prefiro ficar aqui... respondeu apressadamente. Mas depois reparando que moçoára o seu interlocutor, voltou-lhe:

— Perdôe-me, sr. morgadinho, mas não o queria offender.

— Não me offendeu, Maria. Eu é que devo pedir-lhe desculpa; não tinha ainda reparado o quanto a minha companhia lhe deveria ser enfadonha. Nunca mais...

— Não me torture! — implorou ella com voz sumida.

— Tortural-a, eu?... — e o mancebo ficou-se admirado, sem comprehender.

A pequena baixou a cabeça, enleiada, a torcer as mãos. Comprehendeu que se trahira e emmudeceu.

Ao vêl-a assim, o morgado balbuciou com a voz trémula e receiosa:

— Parece odiar-me Maria?... Que mal lhe fiz?... Se soubesse quanto eu sou seu amigo!...

— Nenhum. Eu tambem o estimo tanto...

— Então porque não falla comigo... como costuma?... Baixa a cabeça, desvia o olhar?... Desperto-lhe horror?...

— Oh! Não!... Deixe-me... se soubesse...

E começou a soluçar.

O enthusiasmo dos camponios estava no seu auge. Tratava-se de decidir qual mereceria o premio, e por isso todos prestavam attenção ao baile.

Podiam fallar á vontade que ninguem os escutaria.

O morgado notou isto mesmo. O coração pulsava-lhe desordenadamente. Aquelles soluços faziam echo no seu peito, as lagrimas requeimavam lh'o. — «Se soubesse!» — dissera ella. — «Se soubesse!» — E córara ao dizer lh'o!... Talvez o amasse!... Se assim fosse como seria feliz!... E não o parecia provar a commoção que d'ella se apossara por vezes?... Sentiu uma vontade enorme de saber tudo, de decidir do seu destino; encheu-se de coragem e começou com voz energica com entonnos palpitantes de meiguice:

— Olhe, Maria, escute-me e não se zangue com o que vou dizer-lhe. Já de ha muito que eu sentia vontade de confessar-lhe o segredo que preoccupa toda a minha existencia. Por varias vezes tentei dizer-lh'o, outras tantas fiquei mudo. Ante o meu espirito apresentavam-se hypotheses diversas. Como me trataria ao ouvir a minha confidencia? E depois parecia-me uma falta de respeito para com seu paé. Duvidar-se hia dos meus sentimentos, julgar-me hiam como muitos outros, e isso maguava-me... Sobre tudo...

Parou aqui. Limpou o suor que em bagas lhe corria pelo rosto. Vacillou por momentos, quasi sem coragem para proseguir.

A formosa aldeã suspensa dos labios d'elle, tremia, receiosa, porque as coisas tinham chegado até onde nunca esperara que chegassem. Comprehendia, adivinhava o que ia ouvir. Tinha vontade de mandar calar, de despedir esse ousado que a obrigava a córar, a manifestar os segredos da sua alma de 18 annos, ingenua e boa, cheia d'um affecto que não saberia recusar apenas lh'o pedissem. Porque, decerto elle ia confessar-lhe o amor que por ella sentia, que já percebera e que mau grado seu era retribuido. A doença que lhe julgavam não tinha outra causa. Tinha medo... mas a voz d'elle, quente, macia, d'uma macieza de velludo, acariciava-lhe os ouvidos, lançava-a no extasi povoando-lhe a mente de ridentes visões de vida futura. Uma languidez, um quebrantamento se apossaram de todo o seu ser... Oscillou como debil arbusto batido pelo vento e teria vergado sem forças, se a mão d'elle não corresse a amparal-a, fazendo-a sentar. E ella deixou-se ficar assim, a ouvil-o, n'uma mudez absoluta.

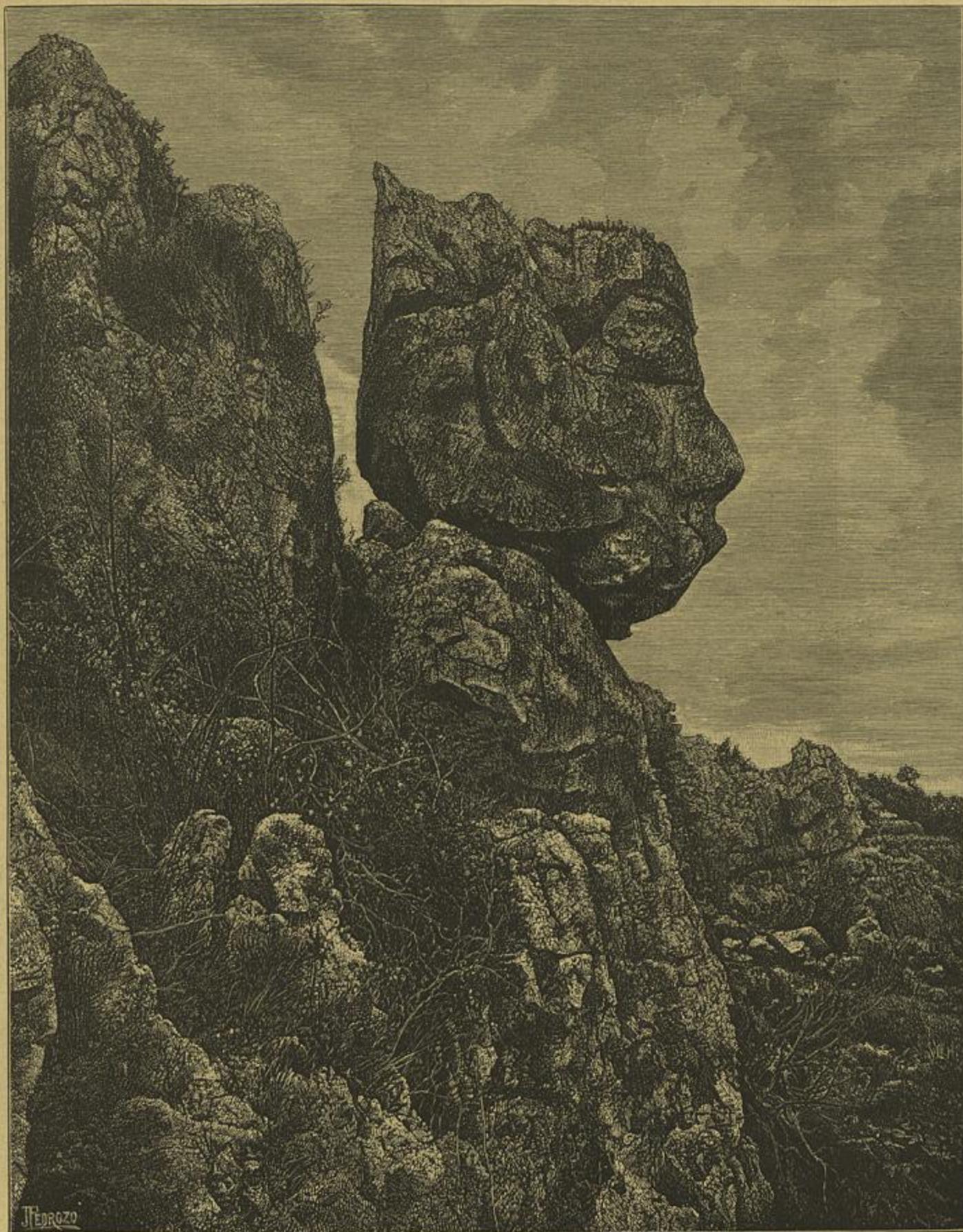
— Maria, serei louco, mas amo-a, adoro-a como os passaros adoram o azul do ceu, immenso, vago, inconcebivel; como a abelha o nectario da rociada flôr; como o mar ama a areia onde vem espreguiçar se em ondas espumantes de calmaria!... Desde que a vi, amei-a, e abysmado n'esse amor que occupava todos os meus pensamentos, que dulcificava a minha vida de solitario, eu passava todas as noites, todos os dias, todas as horas, todos os instantes, a vêr a sua imagem sorridente, tão bella, tão seductora, a acariciar-me como nunca sentira! E as noites pareciam-me perfumadas; pelo ar passavam sons de indizivel maviosidade, trocando-se, chocando-se!... A escuridão enebriava-me porque a Maria ahi me surgia mais radiante!... Queria ser um rei para a engrandecer, para lhe depôr aos pés uma corôa; queria ser um anjo, um ente extraordinario que a minha imaginação constantemente me suggeria e que não sei explicar-lhe, um mytho alado... para leval-a pelo ethereo espaço, qual novo Sol, banhados ambos pelo azul, a percorrer as regiões infindas da mystica amplidão!... Mas no meio d'este idealismo, a crueza da realidade apagava o meu enthusiasmo allucinado, varria a phantasia que me ganhara... O scenario mudava-se, e eu só via o seu desprezo — algido como a frieza d'um tumulo!... Então desesperava-me

e chorava... sim, chorava! — não me envergonho de confessal-o.

A voz que tinha augmentado gradualmente, agora diminuia de intensidade; parecia apenas o ciciar brando d'uma respiração.

felicitações ao par premiado, surriadas aos que tinham perdido .. As raparigas, de faces côr de papoula, cançadas, oppressas, limpavam o rosto molhado pelo suor aos alvos lenços com grandes barras a bordado branco.

sorria, e pelo morgado que lhes quizera dispensar esse favor.

Foi o Antonio o primeiro a transpôr os humbraes da habitação. E emquanto elle ia a arranjar luz, a Maria ficara á porta, — a fazer as honras da casa — conversando com o morgadinho.

NOS ARREDORES DE CONDEIXA VELHA

(Copia de uma photographia de Carlos Relvas)

— Maria, ame-me!... Seja boa!

E ella, vencida pelos magicos effluvios das palavras que os seus ouvidos castos de donzella pela primeira vez escutavam, quasi sem alento, abandonando-se-lhe toda, murmurava:

— Sim!... Amo-o muito, muito!... — n'uma voz tão doce... tão doce!...

Uma algazarra enorme atroou-os. Eram risos,

Acabara o baile.

O sol já desapparecera havia bastante tempo.

A pouco e pouco foi esmorecendo o ruido, diminuindo o numero dos qne enchiam o largo.

Não foi dos ultimos o Antonio Sá. Jaleco ás costas, a deixar vêr as mangas da camisa passada a ferro, com o respectivo pau ferrado, lá ia a caminho da casa, acompanhado pela filha, que já

*

Passaram-se mezes.

As relações dos dois namorados tinham continuado, muito naturalmente, sem sobresaltos, sem inquietações. O morgado amava a Mariquitas doi-

damente, queria-a para bem, e ella tambem o estimava com todo o affecto do seu coração. Parecia, pois, e elles assim o pensavam e queriam, que o casamento se effectuaria brevemente.

Uma noite, á hora marcada para a entrevista, que quasi sempre succedia deante do bom Antonio Sá, o morgado não appareceu. Esperou-o a Maria inquieta, durante umas boas tres horas, até que cançada, cabeceando, se foi deitar.

um grito que resoou estridulo por toda a casa.

— Que tens tu, Maria? — interrogou o pae do quarto.

— Nada, meu pae. — respondeu lhe accordando. Foi um sonho. Não é nada.

Depois, assim mesmo accordada as scenas repetiam-se, martyrisando-a, inexoraveis.

Fartou-se de dar voltas na cama. Sentia fébre; uma rodela de ferro parecia cingir-lhe a cabeça e

elle a trocasse por outra, mas a sua ausencia nada tinha de explicavel. Partira talvez; mas para onde? E sem lhe dizer!...

Adoeceu. Esteve á morte, mas felizmente, um dia o doutor declarou-a livre de perigo. Já podia fallar. Veio-lhe nma grande vontade de conversar com o pae, e a primeira pergunta que lhe afflorou aos labios foi a respeito do morgado.

— Elle voltou?

TYPOS HESPANHOES — Uma Malagueza

— Talvez lhe succedesse alguma coisa inesperada. Virá ámanhã. Mas pela noite adeante sonhou com elle. Via-o assaltado no caminho da sua propriedade para a casa d'ella por uns maltrapilhos esgrouviados que o queriam roubar ou metter-lhe no peito uma carga de chumbo. Rapidamente a acção do sonho desenvolveu-se. O morgado estava na cama, muito pallido, quasi agonisante, e junto d'elle uma rapariga nova, bonita, apertava-lhe as mãos, angustiada. Affirmou a vista e reconheceu-se n'essa rapariga... Soltou

apertar-lh'a, quasi a fazel-a estalar. Com o alvorecer da manhã encontrou-se melhor. Sómente uns grandes traços arroxeados a circumdarem-lhe os olhos e a palidez das suas faces, accusavam a lucta em que se debatera.

Voltara lhe a esperança de o vêr á noite. — Os sonhos são falsos e nada querem dizer. Com certeza elle viria hoje. — Mas esse hoje passou, e outros e outros, e o morgado nao veio,

A Maria ralava-se, chorava. Ninguem mais a viu rir. Nem por sombras lhe passava pela mente que

— Não falles que te póde fazer mal.

Mas ella não fez caso e repetiu:

— Veio?

O pobre pae ainda quiz illudil-a.

— Sim, muitas vezes. Nunca o reconheceste, porque variavas. Não está já cá, hoje, porque adoeceu tambem.

— Oh! Eu bem me parecia que elle havia de voltar. É tão meu amigo! — Ha de saber se está melhor.

E pôz-se a architectar castellinhos. Haviam de

casar; depois partiriam a vêr Lisboa, essa cidade tão fallada pela sua boa mãe — Deus tenha a sua alma em descanço. Que bom seria! E batia as palmas de contente.

Pobre creança! Para ella cujas viagens se tinham circumscripto, quando muito, aos arredores da sua aldeia, Lisboa, julgava-a uma cidade fabulosa, de muitas leguas de comprido, cheia de grandes casarias cobertas de ouro e diamantes, muito altas, tão altas que um homem visto de cima d'ellas podia julgar-se um grão de trigo.

O pobre pae ouvia-a e as lagrimas corriam-lhe pela cara, grossas como punhos. Voltava-se para disfarçar. Mas quando a viu boa de todo, contou-lhe toda a verdade.

O morgado não voltara e, segundo se dizia estava prezo pelo beiço pela filha do André Soeiro — ella sabia — aquelle sujeito que morava lá em baixo na azinhaga.

— É pobre, mas é do seu panno... Isto é tudo uma croja!... Mas nan me torne elle a cruzar os portaes, que o desanco!...

A Maria ia desmaiando com a noticia; mas reagiu sobre si. O corpo endireitou-se, os nervos retezaram-se, e foi com a voz vibrante que exclamou:

— Atraiçoou-me! Hei de vingarme!

E mais nada.

*

Não tinha razão. Se não era inteiramente falso que o morgado andasse de amores com a filha do André Soeiro, tambem não era menos certo que elle amara a Maria e que desejara casar com ella. Mas esse casamento era absolutamente impossivel.

Na ultima vez que tinham fallado, o assumpto da palestra fôra o casamento. O pae tinha sahido, e ella querendo proceder com lealdade e sem melindrar o bondoso aldeão, aproveitou esses momentos, para dizer-lhe que o Antonio Sá lhe não era cousa alguma. Reconhecera-a como filha, mas o seu verdadeiro pae era um fidalgo de lá do pé de Santarem. Tinha o seu retrato que lh'o dera a mãe, conjunctamente com o conselho de respeitar sempre o que por tal passava, que nem por isso deixava de ter direitos á sua amizade.

O morgado teve desejos de vêr esse retrato. A Maria foi buscar-lh'o e emquanto elle o via, correu a deitar umas achas no lume que aquecia a ceia. Aquella ausencia fez que ella ignorasse a commoção que se apossou do namorado. Este pegara no pequeno pedaço de cartão, e ao olhal-o um nó lhe apertou a garganta, afogando assim o grito doloroso que soltara do mais profundo do seu peito. O pae de Maria era tambem o seu!... A intelligencia escapou-se-lhe por instantes. Mas quando a luz voltou ao seu cerebro, poude então verificar todo o pezo com que a fatalidade esmagava a sua ventura. — Irmãos! Eram irmãos! — E elle, segundos antes tão alegre, tão satisfeito, para ali estava agora quasi sem forças, desejando nunca ter nascido, ou que uma morte repentina lhe paralizasse a circulação, dando assim um termo ao soffrimento que o dilacerava!... Tristissima a vida do homem sobre a terra, pois quando julgava ter attingido a méta dos seus desejos, essa fugia-lhe lá para bem longe, dizendo-lhe como ao judeu da lenda: — *Caminha! Caminha!* — E nem sequer se tinha o direito de parar. Uma lei superior obrigava os pés, já chagados pela distancia percorrida, a mecherem-se ininterruptamente!... Deus não era justo, pois que o crime dos paes o pagavam os filhos!... E como dizel-o a esse anjo que idolatrava? Como vibrar-lhe o golpe?.. Como dizer-lhe: — o nosso amor é infame, a sua conclusão seria um incesto?!... Não; o melhor era não dizer cousa alguma.

A Maria estava de volta.

Compôz o rosto conforme poude a apparentar serenidade. Pouco depois despediu-se como se nada houvera, protestando intimamente, porém, não voltar ali. Na essencia o resultado era o mesmo, tinham de esquecer-se um do outro; mas ella escusava de saber a torpeza que estivera quasi a realisar-se, e na qual figurariam como unicos actores.

Quando a Maria adoeceu, julgou tambem que morria, teve remorsos de lhe não ter contado tudo; talvez, quem sabe, lhe custasse menos o saber a verdade.

Vagueava pelo campo como doido, sem comer, e muita noite dormiu ao relento. Encontrou-o n'umas d'essas occasiões o André Soeiro. Sem saber qual a causa que semelhantes effeitos produzia, aconselhou-o a que se não amofinasse e levou-o para casa. O carinho com que o trataram, a estima que a filha do André lhe dedicou, obrigavam-n'o á gratidão. Poude lêr nos olhos da moça a paixão de que era objecto. Olhou-se e viu que se o coração estava morto para o amor, não o estava para a amizade e para o reconhecimento. Tinha fortuna. De que lhe serviria ella se não a dedicasse a uma obra boa?... Resolveu, pois, fazer a felicidade de Margarida, que assim se chamava a linda vergontea do Soeiro. Pediu-a ao pae que não quiz comprometter-se sem ter consultado Margarida. Esta como se deve calcular, annuiu gostosamente, e o enlace foi combinado se realisasse d'ahi a dois mezes.

E estavam assim as coisas.

Findava o mez d'abril.

Era uma explendida noite de luar sem nuvens, e as estrellas brilhavam com todo o seu fulgôr.

O morgado e a Margarida, de braço dado, recolhiam a casa, do passeio da tarde, pela estreita azinhaga que para lá conduzia, em ladeira pouco ingreme.

Conversavam baixinho, alegremente, e o assumpto, escusado é dizel-o: todos imaginam sobre que podem conversar uns noivos.

Uns ruidos de ramos quebrados se ouviam como que a acompanhal-os, por detraz das azinheiras que bordavam o vallado.

Já estavam perto de casa. Ahi o terreno tornava-se razo.

A Margarida soltou um grito. Uma mulher estava em frente d'elles, como a querer impedir-lhes a passagem, com o olhar brilhante, os cabellos em desalinho, cahindo-lhe pelas costas e pelos hombros — apertando na mão pequena o cabo d'uma faca que a luz da lua fazia brilhar com scintillações de aço polido.

O morgado assustou-se, fez-se lividò.

A Maria ali, n'aquella attitude!... Que queria ella. E adeantou-se, a proteger com o seu corpo a Margarida que a outra olhava com uma fixidez terrivel e odienta.

— Maria, que quer?...

Ella porém, não respondeu. Teve um estremecimento. Depois pausadamente chegou-se-lhe e enterrou-lhe no peito, no sitio do coração, a faca até ao cabo. Olhou ainda a filha do Soeiro e disse-lhe friamente:

— Tinha jurado! Roubaste-m'o, mas não o possuirás. Ia casar comtigo; não podia ser meu na terra, matei-o; sel-o-ha no ceu.

Tinha-o jurado!

E fugiu.

Margarida era uma mulher energica. Sem verter uma lagrima ajoelhou junto do corpo do seu amante, verificou que elle morrera, beijou-lhe os labios e os olhos, aconchegou-se-lhe e murmurou baixinho:

— Continuarei a ser tua, meu amigo, porque eu acompanho-te!...

Tirou a faca da ferida e cravou-a em si.

A Maria, já o leitor sabe, foi encontrada na madrugada do outro dia pelos dois pastores, que com os olhos esgazeados, infundidos de pavor, a viram lá em baixo, estendida, na inercia da morte sob as aguas da levada.

Manuel Neves.

A INVENÇÃO DOS AEROSTATOS

Como subsidio para a historia da invenção dos aerostatos, cuja primazia é attribuida ao padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, vou deixar aqui consignados alguns factos e noticias que pude colher em varios manuscriptos existentes na Bibliotheca publica do Porto, todos elles contemporaneos das experiencias feitas por aquelle ecclesiastico, em Lisboa.

Segundo é tradicção, foi no dia 5 de agosto de 1709, que o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão se elevou aos ares no machinismo por elle inventado, realisando-se a experiencia no pateo da Casa da India, na presença do rei D. João V, da familia real e de toda a côrte. [1]

Parece que a tentativa não foi, porém, coroada de um exito completo, porque o aerostato, que estava seguro por cordas, elevando-se obliquamente até certa altura, foi tocar na carnija do palacio, onde se rompeu, descendo depois vagarosamente e sem accidente algum para o aeronauta. Por esse tempo não foram poucos os epigrammas dirigidos, pcr tal facto, não só ao invento, como ao inventor.

Relativamente á forma da machina inventada pelo padre Bartholomeu, são diversas as descripções, achando-se todas ellas consignadas em um artigo publicado em 1774, por Simão Thadeu Ferreira, na *Encyclopedia Britanica*, que appareceu em Edimburgo.

Diz-se, comtudo, geralmente, que a machina tinha a configuração de uma ave, pelo que lhe foi dado o apodo de «Passarola.»

Com referencia á materia que dava impulso ao aerostato, o conego Francisco Freire de Carvalho na sua *Memoria para revindicar para a nação portugueza a gloria da invenção das machinas aerostaticas*, impressa em 1843 e inserta no tomo 1.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, é de opinião que o balão era elevado por meio do ar rarifeito, como o levava a suppol-o, o fogo acceso na machina, que o proprio aeronauta applicava, segundo referem documentos da epoca.

O que é estranho é que Barbosa, contemporaneo de Bartholomeu de Gusmão, fallando n'este, no 1.º tomo da sua *Bibliotheca Luzitana*, não se referira de forma alguma á invenção dos aerostatos, nem á morte desgraçada do inventor, fallecido de febre maligna, no hospital da Misericordia de Toledo.

Pelos manuscriptos que compulsei, o que se deprehende é que as experiencias feitas com o seu invento pelo padre Bartholomeu, foram pelo menos tres, e que todas ellas se goraram.

Diz por exemplo um dos manuscriptos, entre outras noticias ineditas n'elle por Salvador Antonio Ferreira, contemporaneo do inventor:

A 3 de agosto de 1709 quiz fazer o padre Bartholomeu Lourenço exame ou experiencia do invento de voar e para isso foi á casa que fica debaixo da das embaixadas. A experiencia não surtiu effeito porque logo ao principio se queimou a machina.

A 5 do mesmo mez o referido padre apresentou-se com «um meio globo de madeira delgada, trazendo dentro um globo de papel grosso, e mettendo-lhe no fundo uma tigela com fogo material. O globo de papel subiu mais de 20 palmos e como ia chegando ao tecto da casa, accudiram com paus dois criados da casa real, para evitar o pegar fogo e haver algum desastre. O meio globo de madeira, esse ficou no chão, pelo que se frustrou o invento (diz o narrador) A tudo isto assistiu o rei, com toda a casa real e varias pessoas.

Como se vê, esta descripção differe bastante da que geralmente corre e que inseri no começo d'este artigo.

Finalmente, acrescenta o mesmo informador, na quinta feira 3 de outubro de 1709 fez o padre Bartholomeu Lourenço outro exame na ponte da Casa da India, com o «instrumento de voar», o qual tendo subido já a bastante altura, «cahiu no chão sem effeito».

Não obstante todas estas contrariedades, é inegavel que foram reconhecidos méritos especiaes no padre Bartholomeu, por quanto, tendo sido examinado ácerca dos seus conhecimentos da mathematica e por ordem de el-rei D. João V, pelos marquez de Fontes e conde de Ericeira, estes lhe acharam «bastantes noticias da mathematica», pelo que em data de 13 de agosto de 1710, foi expedido pelo monarcha o seguinte decreto:

«Tendo em consideração aos requisitos que concorrem no padre Bartholomeu Lourenço, e ser informado que se acha com sufficientes noticias da mathematica, e que applicando-se, e estudando esta sciencia poderá seguir-se alguma utilidade publica e ensinar o que com a sua comprehensão poder adquirir, e por ser um clerigo pobre, e não ter com que se sustentar para continuar estes estudos,

Hei por bem fazer-lhe mercê de 300$000 réis cada anno, pagos ás mezadas, emquanto eu o houver por bem e não mandar o contrario, os quaes lhe serão pagos pelos effeitos da Junta dos Tres Estados, que n'esta conformidade o mandará executar. Lisboa, 13 de agosto de 1710.—Com rubrica de S. M»

Este decreto, pois, como se vê, tinha por intento subsidiar o mencionado ecclesiastico para ir a Coimbra estudar a mathematica, a fim de depois a vir ensinar em Lisboa.

Ao decreto que acima deixo transcripto replicou a Junta dos Tres Estados, dirigindo uma consulta ao rei em que dizia não poder pagar a dita quantia de 300$000 réis, porquanto os effeitos da referida Junta tinham applicação a varias cousas do serviço do rei.

D. João V attendeu esta reclamação, resolvendo por despacho de 1 de setembro, que a Junta dos Tres Estados ficasse desobrigada da satisfação indicada.

Um contemporaneo, commentando o decreto de 13 de agosto, conclue por estas palavras:

[1] Vid. OCCIDENTE vol. V *O centenario da Invenção dos Aerostatos*, paginas 107, 115, 182, 191, 211, 235, 250.

«E n'isto veiu a parar a bulla do invento de voar, com que o padre Bartholomeu desinquietou esta côrte o anno passado de 1709».

Porto.

Manuel M. Rodrigues.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Concluido do numero anterior)

XXIX

Em que o Dr. Roque se reconcilia com uma letra do alphabeto

Certa manhã, já assaz tarde, o Roquesito, aproximando-se da porta do quarto do avô, segundo era seu costume, perguntou: posso entrar? e sem esperar resposta arremetteu por ali dentro; vendo, porém, que ninguem lhe respondia, o tyrannette sobreveio-lhe um escrupulo, e parou de golpe. Estendido no leito, o velho contemplava-o com os olhos fitos e attentos, mas sem descerrar os labios. O pequenito, a principio, vendo-o a olhar para elle de aquelle modo, gritou:

— «Avôsinho!» — Quando viu que persistia o silencio, riu-se, e d'ahi, teve mêdo e entrou a chorar, o que fez com que accudisse a mãe.

— Papá — exclamou esta, agachando-se para acariciar a lagrimosa carinha do filho — papá? que fez o menino? — que está a chorar tanto?

— Nada! — respondeu este apontando com o dedito para o leito.... é elle, que está a olhar para mim e não me quer dizer nada.

— Está a brincar — balbuceou a pobre da mãe interrogando, atonita, os olhos de seu pae, e apertando instintivamente d'encontro ao coração o filho. Mas nas palpebras do doutor Roque brotaram duas lagrimas que deslizaram silenciosas pelas faces desbotadas.

Occorreu então á pobre menina uma ideia terrivel; presentiu a primeira dôr grande da sua vida. Ergueu-se de um salto, e pallida, mas resoluta, impellida pelo presentimento da desventura, aproximou-se da cabeceira do leito.

— Papá — repetiu... e mais não disse, porque o doutor Roque, erguendo a mão lisa enxugou as lagrimas com a ponta do lençol, e fez sinal em como não podia fallar.

Compreendeu tudo a Amalia, olhou anciosa, em derredor, e correu a buscar uma carteirinha de lembranças e uma penna; quando volveu ao pé da cama, viu que o pequeno, chamado por acênos pelo avô, accudia antes d'ella.

— Porque não fallas? — perguntava-lhe o pequenito, n'aquelle tom severo que habitualmente reduzia á propria vontade a do docil avô; — hontem promettestе que me havias de comprar um velocipede; anda, levanta-te e vamos compral-o... mas... tu. . porque é que não fallas?

O doutor Roque fez um esforço para sorrir, e depois, pegou na penna e, no livrinho que a Amalia lhe apresentava, escreveu:

— «Quero beijal-o.»

Tomou a Amalia o menino nos braços, e quando o velho quasi que comeu a beijos a annellada cabecita ao seu tyranno, que não percebia palavra de tudo aquillo, a mãe, assustada, balbuceou:

— Mas o que foi?

E com mão trémula sosteve o livro em frente do pae, inclinando-se para ler a resposta, á medida que elle ia escrevendo.

E a resposta foi:

«Animo! Chegou a minha hora: leva d'aqui o menino; vae chamar a tua mãe, o Joaquim, o Romulo... depressa, depressa. .»

A Amalia sahiu a cambalear, levando o filho, e voltou logo. Anticipou-se-lhe, porém, a Tranquilina.

— Roque! — bradou em tom afflicto — Roque!

O velho estremeceu dos pés á cabeça e mexeu, baldadamente, os labios.

O Frederico, o Romulo e o Joaquim contemplavam-n'o como tres espectros. A Amalia, então, aproximou-se outra vez, trespassada de dôr, porém com passo firme, e collocou de novo o livro em frente do ancião, o qual, ás apalpadellas, escreveu com a mão esquerda:

«Esta é a minha confissão geral: fui cruel, e mau para todos: perdoem-me.»

E o braço, fatigado por aquelle esforço, ficou pendente do leito. Aproximaram-se, todos, anciosos; os olhos vividos do moribundo pareciam luctar com as trévas e abraçar dois mundos em cada olhar.

Quem primeiro avançou foi o Frederico, o qual, com voz grave, mas firme,

— Meu pae — disse: — tu fostes sempre para mim, mais do que bom, optimo — e sem que eu t'o merecesse.

— E para mim tambem — afirmou o Joaquim — desviando-se a um lado — e para mim... Um soluço porém tolheu-lhe a palavra.

— O senhor foi bom para todos, accrescentou, por sua vez, o Romulo, com a voz afogada — a todo o momento o repetimos: não é verdade, Joaquim?

Mas não proseguiu tambem, porque o doutor Roque disse que não com o braço, entretanto que o olhar ardente parecia insistir no pedido.

A Amalia então, aproximou-se dos velhos e soluçando, disse-lhes:

— Quer que lhe perdoem.

— Mas, o que havemos de perdoar? — Balbuciou o Romulo.

A joven interrogou o pae com o olhar, e logo repetiu:

— Quer que lhe perdoem... depressa! depressa!

— Doutor Roque — apressou-se em dizer o Romulo, se é da sua vontade que lhe perdoêmos, saiba que lh'o concedemos de todo o coração, não era, porem, necessario.

— Não é necessario — repetiu o Joaquim, — pelo contrario; nós é que devemos agradecer-lhe a sua amizade... não é verdade, Romulo?

— Sim, cumpre-nos a nós.

E um apoz outro foram depôr um osculo n'aquella fronte descórada.

Quando sentiu aquelles dois beijos, dados com a solemnidade de uma ceremonia funebre, o doutor Roque entrou a tremer dos pés á cabeça, posto que sem fechar os olhos que permaneciam immoveis, brilhantes e fitos na parede.

Ambas inclinadas sobre o moribundo, a Amalia e a Tranquilina, de quando em quando, permutavam olhares de angustia; os dois velhos amparavam-se ás columnas da cama, para ganhar forças.

Não foi muito longa a agonia; ao estremecimento do corpo todo, succedeu profuudo socêgo. Cessára a respiração offegante. Apenas os olhos, atonitos, fitavam o espaço.

De repente, dir-se-hia ter-se reanimado o doutor Roque; levantou o braço esquerdo e, pelo tacto, ás apalpadellas no lençol, procurou alguma coisa. Compreendeu a Amalia o que elle queria, e trouxe-lhe outra vez o livrinho, no qual o moribundo intentou escrever uma palavra que principiava por um D, maiusculo. Depois, fixou pela ultima vez o olhar no rosto afflicto da filha, como que para recuperar as forças, e de novo intentou escrever aquelle nome; a morte, porém, deteve-o na letra inicial. E ficou com a penna na mão rigida — o abandonado livro resvalou para o chão.

— Que tem o avôzinho? — perguntou o menino, que voltára em bicos de pés.

E como ninguem lhe respondesse, afoito, acrescentou:

— Não te lembras de que me promettestе um velocipede?

Volveu-se a mãe, e com um beijo prolongado, tapou-lhe a bôcca.

Em meio de silencio tão solemne, apenas se ouviam outra vez os solluços.

D'ali a nada, a Amalia apanhou o livro, abriu-o na pagina em branco em que o moribundo intentára escrever pela ultima vez, e aproximando-se da pobre mãe, a qual, desfallecida n'uma cadeira, chorava copiosas lagrimas, collocou-lh'o diante dos olhos, sem dizer palavra.

A Tranquilina olhou um grande pedaço para a inicial escripta com mão tremula, e por fim, compreendendo, sorriu por entre as lagrimas.

— O que lhe faltou — disse — foi saber lêr no proprio coração.

E prostrada de joelhos junto da cabeceira, tomou a mão gelada do companheiro da sua existencia e erguendo os olhos ao ceu:

— Meu Deus! — exclamou — Deus misericordioso e grande!

— O Joaquim e o Romulo choravam que nem duas creanças, emtanto que o Frederico, attonito, contemplava a serena immobilidade do defuncto.

Pensava talvez que a morte em semelhantes condições nem era terrivel nem cruel, pois-que, em vez de chorar, pegou do filho aturdido e estreitou-o de encontro ao peito cheio de amôr.

XXX

Depois do lucto

Vou dizer coisas incriveis:

Já passaram dez mezes, e ainda hoje, á sobremeza, quando se recebe o periodico, o Joaquim olha ás furtadellas e suspira, recordando se do doutor Roque, que chegou a ser-lhe *indispensavel.* Elle assim o diz, se bem que com um pouco·chinho de exaggero, porque, sabidas as contas, elle lá se arranja, e pode prescindir do doutor sem entisicar. Mais ainda: — misterios da Providencia!... o Joaquim engorda.

E emquanto elle vae engordando cada vez mais, o Romulo, pelo contrario, estira e adelgaça.

Ambos passáram a viver com o Frederico, a Amalia e a Tranquilina e o minusculo herdeiro do formidavel nome de Roque Trombeta.

O pequenito ainda não poude entender para onde iria o avôzinho, e de vez em quando, perguntava por elle. Respondem-lhe que foi para o céo, e não se ergue uma unica voz a pôl-o em duvida. Porque é incrivel o que o bom do doutor ganhou depois de morto; quasi não se passa um só dia sem que os olhos dos sobreviventes n'elle descubram nova virtude. É que, sem duvida, como diz o Joaquim, para julgar devidamente os homens é mister que o juiz os observe de longe, e provavelmente, como diz o Romulo, ha homens que principiam a valer alguma coisa no dia em que morrem. O Romulo, sem embargo, declara que não conhece nenhum que se encontre n'este caso, para não contradizer o Frederico que persiste em ver em todo o ser humano uma mina de oiro escondido e em repetir que, desde que entrou no sepulcro, lhe assiste a esperança de que virá qualquer dia a decidir-se a presentear com um filão a humanidade.

Já passaram, dissémos, dez mezes, os dez mezes de expectativa, conforme manda a lei, e o Romulo acaricia uma ideia tentadora; posto que não seja de hoje, elle comtudo, vê a tentação tão proxima, tão feiticeira, com estremecimento tão delicioso, que o segredo, impaciente, escapa-se-lhe, e corre a esconder-se no seio da amisade. O Joaquim, a quem confia a sua occulta ambição, a sua tão sublime esperança, manifesta em tal ensejo magna virtude, virtude ingente da qual o não julgariam capaz seus contemporaneos: não se ri.

Em compensação, porém, ri-se a Tranquilina; sim, ri-se a mulher tão amada e tão cruel; e depois de ter feito chorar o Romulo, quer que elle leve a coisa de brincadeira, antes que lhe responda a sério.

O Romulo, obedecendo, faz beicinho, e a Tranquilina, então, travando da mão ao seu incansavel adorador, leva-o em frente de um espelho e diz-lhe:

— Observe bem, sr. Romulo; não vê?

— Ambos nos fizémos velhos: já não é tempo para creancices. Sejamos muito amigos, o que não é nenhum peccado, mas livremo-nos de o ir contar ao padre cura.

— Tranquilina! — insiste, balbuciando, o Romulo.

— Senhor Affanni — atalha a mulher amada — dê cá o braço, e vamos ter com os nossos filhos, que estão no jardim.

O Romulo suspira, promette todavia que não ha de tornar mais; e d'ali em diante, suspira ás furtadellas, ou solta pelo nariz os suspiros.

E o engenheiro Eneas?

Visita muito a meude o Frederico, e de vez em quando, deitam-se a seguir com a vista os gestos vivos do pequenino Roque, o qual, brincando, corre a pedir uma caricia ao papá para a levar depois á mamã; Eneas acaba por distrahir-se, ou deixando-se arrebatar pela imaginação, n'ella se abysma. N'este ensejo, o Romulo e o Joaquim permutam rapido olhar de intelligencia, e propõe-se a esquadrinhar uma por uma quanta casa ha em Milão, a vêr se dão com certa beldade cruel que teima em esconder-se. Mas é difficil a tarefa; quando julgavam tel-a já fechada na mão, com pesar descobrem que não é ella, que não é ella, que não é a mãe da Candida e do Leão. Desanimam e entregam-se á Providencia «a qual,» no dizer do Joaquim, não é «em vão bôa dôna de «casa, antes pelo contrario, sendo, como é, incom«paravel mestra em economias conforme próva «administrando o patrimonio da sua filha natural «(A Natureza) não quererá deixar infructifero o «capitalsinho precioso do engenheiro Eneas» E nós, pacientes tambem, por amor á humanidade confiémos que assim será, ó pacientissimo leitor

FIM

Pin-Sél.

Recebemos e agradecemos:

Portugal Agricola — *dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da lavoura na metropole e nas colonias — 10.º anno — 1898-1899.*

Com o seu numero de julho de 1898 entrou este importante periodico agricola no seu decimo anno de publicação, proficientemente redigido, sob a direcção do distincto agronomo sr. João Achilles Ripamonti, pelos srs. Adolfo Scheper Fassio, Dom A. X. Pereira Coutinho, Cincinato da Costa, Henrique de Mendia, J. V. Paula Nogueira e D. Luiz de Castro.

O illustrado director, encetando o decimo anno da sua publicação, dedica aos seus leitores e collaboradores as seguintes palavras:

«Os annos que vão decorridos são por certo garantia sufficiente para os nossos assignantes de que continuaremos a envidar todos os esforços para sermos uteis e prestaveis á lavoura.

Não nos movem outros intuitos, nem obedecemos a outro programma.

E, a servir-nos de estimulo a que prosigamos com o mesmo decidido empenho e boa vontade, basta-nos a acceitação sempre crescente, que o *Portugal Agricola* tem merecido e que para nós constitue a mais agradavel das recompensas.

Para podermos corresponder a tão grata benevolencia, contamos com a inestimavel dedicação dos nossos redactores e collaboradores, que não saberão negar-nos a continuação do seu prestante auxilio, contribuindo assim com os seus valiosos escriptos para o bom nome do nosso jornal.

A todos aqui deixamos consignada a expressão do nosso mais vivo e sincero agradecimento.»

Felicitando a illustrada redacção do *Portugal Agricola* por mais este anno de publicação, fazemos votos de que conte muitos outros, para honra da nossa imprensa agricola e utilidade dos nossos agricultores, que prezam o desenvolvimento de tão importante industria, esperançoso esteio do paiz.

Jornal Horticolo-Agricola — *Redactor Joaquim Casimiro Barbosa — N.º 18 — 6.º anno — Junho de 1898.*

Este numero do importante periodico é exclusivamente consagrado a uma merecida homenagem á memoria do insigne horticultor portuguez José Marques Loureiro, cujo passamento deveras sentido inspirou um bem elaborado artigo ao sr. Duarte de Oliveira, a acompanhar uma magnifica photogravura do retrato do extincto horticultor.

Honroso preito foi este, e bem andou a Real Companhia Horticolo-Agricola Portuense publicando-o.

Iride — *rivista d'arte — Genova — 1898.*

Alcança o seu II anno e n.º 30 esta elegante revista, que se publica em Genova, mas é redigida em Spezia, sob a direcção de Avv. G. Conrado.

O seu ultimo numero, no qual dá lisongeira noticia do Occidente, tinha o seguinte summario: no texto: — M. Morasso. Stéphane Mallarmé — L. A. Villari. Ancora un opuscolo Leopardiano — T. Ortolani. Passato — P. Mastri. La ruta — M. Vanni. Da H. Hein — G. A. T. Rime dolinti — E. Carrara. Il genio dell'Alfieri — G. Conrado. Site Marie des fleurs — F. Gaeta. Prisca Venus — Jolanda. La Rivincita — G. Lipparini. Orazione di Aristagora ai cittadini di Corinto — A. Bernardini. A Bruno — A. Schurr. Lassitude — M. Malfettani. Corteo funebre — E. Corradi. Il fascino — A. Lanza. Canzoni ad Angiola. Nas paginas de côr: — Lydia. Rassegna litteraria — Pubblicazioni — Libri — Giornali — Avvisi, etc.

A Agricultura Contemporanea — *Revista Mensal Agricola e Agronomica — Tomo IX — Anno IX — 1898. Lisboa.*

Como se sabe esta revista foi fundada em 1886 por José Verissimo d'Almeida, Antonio X. Pereira Coutinho e F. Julio Borges, tres nomes laureados no ensino agricola e cuja competencia é bem reconhecida.

A Agricultura Contemporanea tem agora como redactores os srs: Antonio Augusto dos Santos, Cincinato da Costa, Filippe E. A. Figueiredo, Henrique de Mendia, José Verissimo d'Almeida, D. Luiz de Castro, Sertorio do Monte Pereira, F. Julio Borges, (secretario) e conta com a collaboração de muitos agricultores, agronomos, silvicultores e medicos-veterinarios dos mais considerados do nosso paiz.

O summario do ultimo numero era o seguinte:

A pedir chuva. — José Verissimo d'Almeida. O vinho no sul da França. — Jules Grec, professeur à l'École d'Agriculture d'Antibes. Ainda os poços artesianos. — Paul Choffat. Culturas regadas (continuado do n.º 4 de 27 de julho) — Augusto de Figueiredo. Indicações uteis: As estrumeiras. A humidade da terra. Publicações recebidas.

Gazeta dos Caminhos de ferro — *XI anno — Lisboa — 1898.*

O ultimo numero recebido d'esta conceituada publicação, de que é proprietario — director — editor o nossso amigo L. de Mendonça e Costa, trazia o summario seguinte:

As pautas ultramarinas na economia do paiz, por O. S. — Commercio portuguez. Parte official. Tarifas de transporte. Ponte Movel, do systema Henry. Notas de viagem. Assembléa geral da companhia atravez d'Africa. Parte financeira. Consequencias do congresso da imprensa. Companhia real dos caminhos de ferro atravez d'Africa. Linhas portuguezas. Linhas extrangeiras. Notas varias. Arrematações. Casas recommendadas. Agenda do viajante, etc.

Diccionario de technologia aduaneira *para Portugal e Brazil por J. A. da Silva Sampaio — Imprensa Nacional.* 1898.

Está já muito adeantada a publicação d'esta importantissima obra deveras indispensavel ao commercio, á industria e aos funccionarios das alfandegas, e cujo plano foi approvado pela Associação Commercial de Lisboa, Centro Commercial do Porto, Associação Industrial Portuense, etc., o que prova bem a orientação e escrupulo com que está feita.

Como temos annunciado, para esta magnifica edição que é em oitavo grande, bom papel e impressão nitida, recebem-se assignaturas no escriptorio da empreza do Occidente, custando cada fasciculo de 32 paginas 100 réis, o que colloca tão importante obra ao alcance facil dos que a desejarem adquirir.

La revue illustrée du Portugal — *Publication mensuelle — Lisbonne octobre 1898 — N.º 10 — 3.ème année.*

Esta interessante revista é muito bem escripta em francez pelo sr. Carlos Lisboa, que publicando-a n'este edioma tão vulgarisado, concorre bastante para o conhecimento das cousas portuguezas no extrangeiro, louvavel tarefa muito digna de elogio.

Sempre artisticamente illustrada a *Revue illustrée du Portugal* ajunta á selecção dos assumptos tratados uma notavel profusão de gravuras muito apreciaveis. A parte material é egualmente cuidada, sendo nitida a impressão e fino o papel em que se publica, resultando de todo este conjuncto uma revista illustrada que honra o paiz e o seu director.

OSCAR LEAL